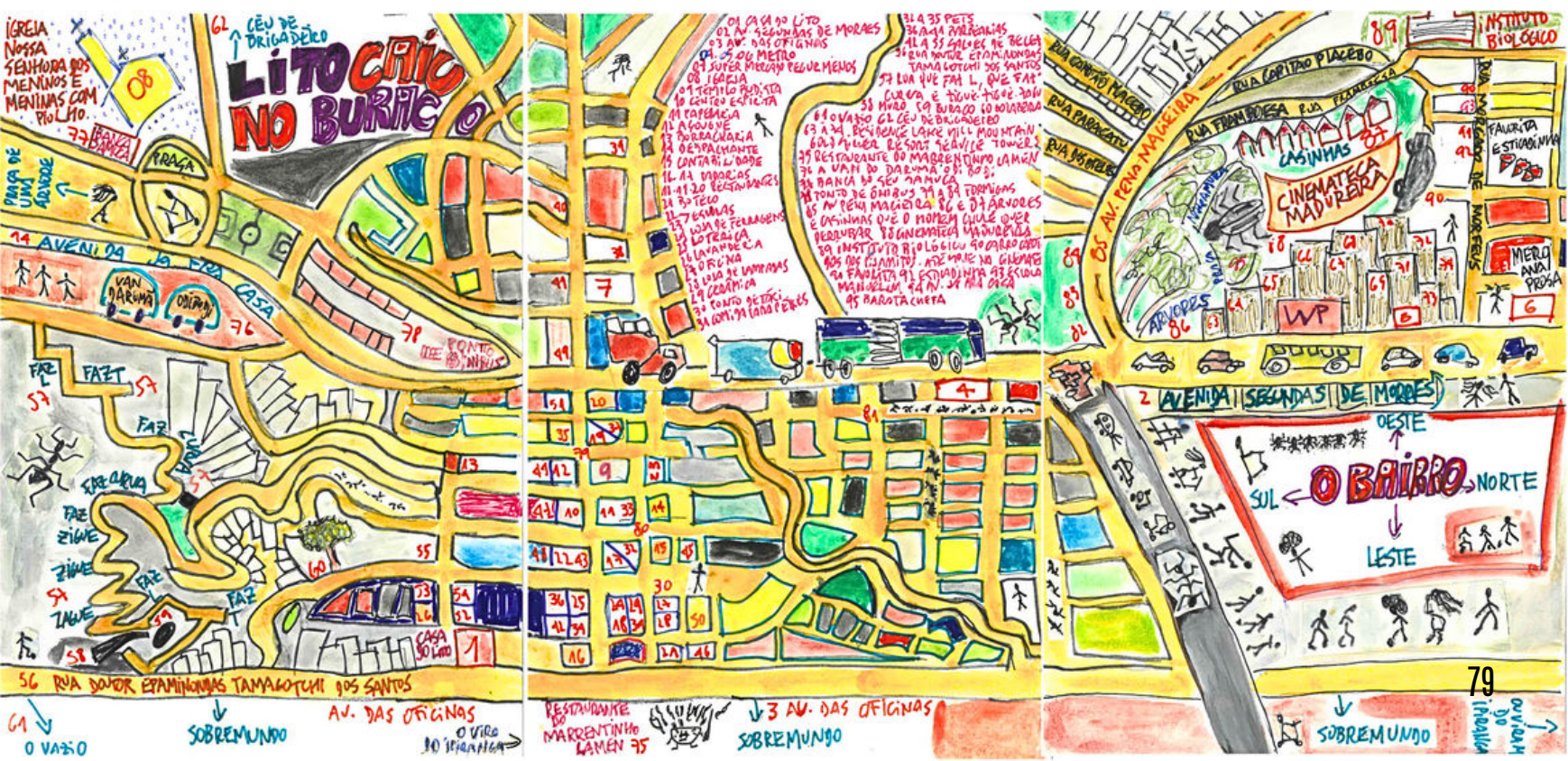


LITO CAIU NO BURACO

Começou como uma brincadeira de férias chuvosa. Recortar, colar e desenhar num bloco de super A4. Virou O Livro dos Seres Imaginários do Antonio e do Vicente, dali saíram reproduções muito bacanudas. Depois virou uma história e agora esta história procura editora para virar livro. Aqui na Corda, o começo dela. Vai que alguém cai no buraco.

Fabiano Maciel



01 A CIDADE E O BAIRRO

Lito mora numa cidade muito grande, em um bairro mais ou menos grande, cercado por duas avenidas muito compridas, por onde passam muitos carros, ônibus, caminhões, motos e, ultimamente, muitos patinetes também.

Em cima, voam aviões, helicópteros, drones, araras e pombos que vivem fazendo cocô nos vidros dos carros e na cabeça dos caminhantes distraídos. Debaixo da rua passa o metrô, que sempre tem muita gente com muita pressa.

Pensando bem, tem um montão de coisas nesta parte nem muito feia e nem muito bonita da cidade. Todo dia, tudo muda, e o que não está à venda está para alugar; e o que não está para vender nem para alugar está em obras. Casas são demolidas e prédios são construídos. Algumas lojas fecham e outras abrem.

A única coisa que não muda nunca é que sempre tem muito barulho. Da ambulância, do bombeiro, da polícia, dos carros do gás, da pamonha fresquinha de Piracicaba, do queijo do sul de Minas, do óleo, do ferro velho, dos produtos de limpeza, da vassoura e dos motoristas que dirigem ouvindo música alta. E é sempre música ruim.

Na rua onde Lito mora tem: 1 supermercado, 1 igreja, 1 templo budista, 1 centro espírita, 1 papelaria, 1 açougue, 1 borracharia, 1 despachante, 1 escritório de contabilidade, 2 padarias (uma normal e outra artesanal), 3 restaurantes, 1 boteco, 2 escolas, 1 loja de ferragens, 1 lotérica, 1 lavanderia, 1 oficina mecânica, 1 loja de lâmpadas, 1 loja de cerâmica, 1 ponto de táxi, 1 loja de comida para peixes, 4 lojas de pets, 6 barbearias e 14 salões de beleza.

O bairro é um labirinto. Algumas ruas fazem muitas curvas, outras fazem zigue-zigue-zague. Tem aquelas que fazem um quadrado, as que fazem um L e as que fazem um T.

Lito gosta mesmo é de andar de bicicleta. Mas pedalar no bairro não é fácil. As calçadas são desniveladas e com tantos degraus que até parecem escadarias. Tem calçada de cimento, de pedrinha, de lajota, tem de todos os tipos, menos calçada lisinha.

Tem muito lixo.

Muito entulho.

Muito buraco.

Muita subida.

Muita descida.

E no fim de algumas descidas, existem algumas ruas sem saída.

No fim da Rua Doutor Epaminondas Tamagotchi dos Santos — uma rua que faz uma curva e um zigue-zigue-zague, depois um L e depois um T, e que tem muito entulho e muito lixo — lá embaixo, no final dela, há um muro cinza todo grafitado, cheio de frases rabiscadas, frases como: “Bia, eu te amo”, “Eva, eu também te amo”, “Fora Aderbal Augusto” e “Vende-se cofres de segurança”.

A calçada colada no muro é estreita e coberta por uma grama alta.

Um dia, Lito estava descendo essa rua na maior correria quando passou por cima de um prego colocado estrategicamente num montinho de areia.

PÁ! O pneu da bicicleta furou.

Ele balançou, derrapou, foi para um lado, foi para outro, conseguiu controlar o guidão, desviou de um poste e se livrou de um gato que pulou na frente assustado. MIAUUUUUGGRRRRR! Mas o freio falhou. Ele bateu num sofá velho abandonado por ali, e a bicicleta voou por cima do muro.

Escondido no meio da grama alta da calçada estreita, tinha um buraco muito fundo e escuro.

Lito caiu dentro dele.

Tudo ficou preto.



02 O BURACO

Lito estava em casa, deitado no sofá com o controle remoto na mão. As imagens mudavam em segundos, e nem dava tempo de ele se ver na tela da TV, onde apareceu rodando no centro de um tornado; depois, em um vagão desgovernado do metrô; pulando numa quadrilha de São João; jogando pingue-pongue; fugindo de um cachorro bravo; e, finalmente, chacoalhando na máquina de lavar roupa, entre as camisas do seu time de futebol, suas meias chulezentas e o uniforme encardido da escola.

Ele não sabia se estava sonhando ou se estava acordado, se estava sonhando acordado, dormindo ou delirando, mas tinha certeza de que estava sentindo um cheiro bem conhecido...

Huuuummm...

Um cheiro gostoso...

Um cheiro de canela...

Um cheiro de banana...

Um cheiro de panqueca de banana.

E a panqueca de banana estava gritando para ele:

— Acorda! Acorda!

— Não quero acordar, não. Tá bom aqui.

— A gente tem que sair daqui agora!

— Mais cinco minutinhos...

— Acordaaaa!

Quando Lito abriu os olhos, viu alguém que parecia ser só um pouquinho mais velho do que ele. Era um guri nervoso, descabelado e vestido como um samurai de anime.

— Levanta! Corre!

Lito achou melhor obedecer, e os dois dispararam por um túnel circular.

— Quem é você?

— Eu sou o Bananinja, o Espantalho Anti-Pesadelo Voador.

— Mano, que nome choque de monstro!

— Eu não sou um monstro. Eu sou um espantalho.

— É só um modo de dizer. Mas espantalho não tem que ter cara de monstro?

— Só na roça.

— Você acha que algum corvo teria medo de um espantalho que é meio banana?

— Eu espanto pesadelos, não corvos. Corre!

Sem se preocupar em poupar fôlego, Lito seguia puxando conversa:

— Faz sentido. Nem todo sonho ruim tem monstro. Tem pesadelo em que a gente cai num buraco, se afoga, se perde dos pais... Quando eu era menor, até fazia xixi na cama de tanto medo.

— Nem sempre eu consigo chegar a tempo.

— E por que a gente tem que sair daqui?

— Porque os Vermes Chupa-Coxinha estão chegando, e eles são muito perigosos. Eles chupam os célebros das pessoas!

— Não é célebro. É cérebro!

— Os Chupa-Coxinhas transformam nossos cérebros em célebros.

— E o que acontece? A gente fica descelebrado?

— A gente vira minhoca! Uma minhoca que não serve pra nada: nem pra adubar a terra, nem pra planta crescer, nem pro corvo tentar comer, nem pro espantalho tentar espantar.

— E tem cura?

— Tem que tomar a Vacina Anticabeça de Minhoca. Se liga, eles estão chegando!

Os Chupa-Coxinhas se espalhavam rapidamente pelas paredes do túnel. Bananinja usava sua espada de samurai, enquanto Lito dava golpes de capoeira para afastar os vermes malditos. Mas o Bananinja não era exatamente um ninja, e Lito não era um mestre na capoeira. Os vermes eram numerosos, e em pouco tempo a dupla foi dominada.

Tudo ficou preto.

03 A GOIABEIRA ESQUISITONA

O tornado voltou a girar na cabeça cheia de cachos de Lito. Bicicletas, helicópteros, casas, placas, sinais de trânsito, bananas e panquecas giravam juntos, e ele custou a perceber que estava no alto de uma goiabeira — uma goiabeira esquisitona, diferente daquelas que aparecem nas histórias do Chico Bento.

A goiabeira onde Lito estava dependurado não tinha as goiabas suculentas e doces do Nhô Lau. No lugar delas, havia muitas coxinhas de galinha. Como se não bastasse, do topo de cada coxinha surgia uma cabeça de minhoca abestada!

Uma chuva de mísseis caía do céu. Mas não eram mísseis: eram vacinas, e elas acertavam as goiabas — quer dizer, as coxinhas — que se esfarelavam no chão.

Lito fazia um esforço danado para se desvencilhar dos galhos e das folhas, mas algo não estava funcionando como deveria. Ele não conseguia mexer os braços, e as pernas também estavam imóveis. Notou que, lentamente, seu corpo estava sendo envolvido por uma massa gordurenta com pedaços de carne desfiada.

Ele estava virando uma coxinha!
E, para piorar, uma coxinha sem catupiri!

Quando tudo já parecia perdido, faltando muito pouco para ele se transformar numa cabeça de minhoca abestada em um corpo de coxinha sem catupiri, Lito foi surpreendido por uma mão de ferro gigante, que o arrancou do galho como se ele fosse uma goiaba madura. Ou melhor dizendo: uma coxinha madura.

- Venha comigo! Aqui não é lugar para homens pequenos.
- Não sou homem pequeno. Sou uma criança quase entrando na adolescência.
- Certo, criança quase entrando na adolescência.

O gigante sacudiu Lito com os dedos. Deu uns petelecos nas pernas e nos braços e depois assoprou bem forte, até a massa que estava enrolada no corpo desgrudar e virar poeira. Lito não teve tempo para reclamar ou reagir. Ao contrário do que diz a lenda, o Saci-Pererê Transformer era gigante, feito de ferro e de um montão de traquitanas recicladas. O Saci pulava muito alto, e a terra tremia quando seu único pé pisava firme no chão. Ele parou na beira de um penhasco, colocou Lito dentro de seu cachimbo e começou a contar:

- 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8...No 9, o Saci saltou para o vazio. Lito gritou:
- Caracaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa!

Tudo ficou branco.



**COLOQUE UM SER
IMAGINÁRIO NA SUA PAREDE!**

SACI-PERERÊ



TRANSFORMER

papel super A3 (47,7 cm x 32,7 cm),

R\$ 150, 00 incluindo correio para todo o brasil

confira todos os “seres imaginários” no instagram @fabpmaciel nos destaques da FAVA